

Mea culpa

Pedro Fontenele

Ajoelhado ao pé do leito, o longo rosário enrolado bem firme entre as mãos, jogou o peito contra a velha coberta grossa e desbotada. De sua boca, os murmúrios abafados de uma prece angustiada tomaram por completo o minúsculo aposento. À sua volta, a modéstia extrema reduzia a mobília ao singelo leito e a uma pequena cômoda de madeira bem rústica, de aspecto humilde e comedido. Nas paredes amarelo-pálidas, emoldurada por flores de lírio, uma imagem trazia a inscrição: “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus”. Defronte ao leito, uma pequena janela revelava a agitação da noite lá fora. As luzes da cidade, o barulho dos carros, eram como um mundo paralelo ao qual não tinha acesso.

Pensou no quanto estava bem, em paz, antes de tudo ocorrer. O padre o havia prevenido sobre as dificuldades que enfrentaria em preservar-se afastado das tentações do mundo lá fora. Com ele tinha aprendido o valor do andar cabisbaixo como um sinal de humildade, uma espécie de isolamento das muitas tentações que encontraria. Encarou tudo como uma provação de sua fé, incorporando a sua vocação, decidido a ter uma vida simples, modesta, que o conduzisse à abnegação. Era a isso que seu coração desesperadamente tentava se apegar, mas aquele maldito instrumento da perdição não saía de sua cabeça. Lembrava-se do quão ardiloso e sorrateiro tudo tinha sido.

Numa de suas missas diárias, habitualmente sentou-se compenetrado no banco da frente. A vista sempre baixa, porém com a atenção inteiramente focada no sermão do velho padre. Ao redor, alguns cochilavam, outros conversavam, outros ainda pareciam divagar em seus próprios pensamentos. Mas ele conservava-se firme, acompanhando cada instante da palavra. Seu coração estava absorto na graça divina, deleitando-se no mais primo e santo amor. Sentia-se separado do mundo com sua fé inabalável, sua devoção incorruptível, sentia-se um apóstolo do próprio Deus. De repente, sua atenção foi tomada pelo som estridente de passadas ecoando, um som de saltos finos de sapatos femininos, que na atmosfera tranquila da pregação do padre ressoou por toda a igreja. Cabisbaixo, num ato inconsciente, olhou para trás por sobre os ombros. Sua vista pairou um instante como se quisesse distinguir algo de anormal naquele ambiente tão familiar. Pousou finalmente nos tornozelos femininos, que surpreendentemente lhe intrigaram o imaginário, lhe deixando com a mente cheia de ideias. Um calafrio imediatamente lhe percorreu todo o corpo. Sentiu um formigamento entre as pernas, como nunca antes. Suas mãos suaram e seu coração estremeceu. Sentiu como se tivesse acabado de comer da árvore do bem e do mal, algo para o qual não havia perdão. Podia sentir aqueles tornozelos só de imaginar. Sentia-os roçando em seu pescoço, o delicioso toque da pele aveludada. Sentia sua boca os beijando, dando-lhes leves mordidinhas, sua língua percorrendo-lhes toda a extensão, sentindo-lhes o gosto suculento, delirante. Toda a sua fé inabalável, toda a sua imaculada abnegação, acabavam de ruir diante de insignificantes tornozelos. Tornozelos roliços, viçosos, de pele macia e tenra, um êxtase.

Desde aquele instante, não podia mais dormir. Os tornozelos apareciam em seus sonhos para violentar-lhe o pudor, barbarizar-lhe a devoção. Nos sonhos, perdia todo o controle, era completamente entregue aos impulsos de luxúria, a libertinagem, a concupiscência. Quando acordava, defrontava-se com a triste realidade. E era com os lençóis manchados de viço que amargava o ingrato fim de sua castidade. Então, recusou-se a dormir. Condenou-se a passar a noite entregue às mais fervorosas orações e penitências. Angustiado, rezava o rosário incontáveis vezes, batendo no peito, chorando amargamente. “Tire isso de mim, Pai. Faça isso parar.” Em sua agonia, sussurrava: *“Mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa”*.

Desde então, passava as manhãs a vagar pelo seminário, fazendo o que podia de suas obrigações diárias: aguando o jardim, cochilando entre uma varrida e outra, escorando-se nas paredes quando tinha a chance. Nas missas, permanecia todo o tempo apreensivo. Se tornasse a ouvir aqueles passos, aqueles saltos finos martelando-lhe a consciência, a luxúria daqueles tornoze-

los lhe tomariam por completo, estaria rendido à tentação. No entanto, meses se passaram sem que ele os visse. Uma sensação de conforto iluminou seu coração, uma esperança de algum dia aquele sofrimento passar. Mas sabia o quão ardilosos eram os artifícios que lhe rondavam, pairando nas potestades sempre à espreita. Algo lhe dizia que deveria preparar-se para o pior.

Em mais uma de suas noites de missa, como de costume, chegou bem cedo e sentou-se na primeira fila. Sentia-se quase acostumado ao sofrimento que padecia. Decidiu encarar tudo como alguma espécie de provação, um espinho de carne para testar-lhe a castidade. A missa começou finalmente. Além da pregação, ouvia apenas o choro insistente de um bebê. Num dado momento, uma senhora pediu-lhe que pegasse algo no chão. Hesitou um instante, mas não teve escolha; baixou-se. Parou aos pés de alguém logo ao lado. Sentiu um novo calafrio ferver-lhe todo o corpo. Ficou paralisado, sua respiração tornou-se pesada, seu coração passou a bater descompassado.

Aqueles tornozelos estavam ali bem à sua frente, a um palmo de seus olhos, tão perto de sua boca. Pôde então confrontar-se com o objeto de sua mais alta obsessão. Tudo ocorreu em não mais que poucos segundos, mas sentiu como se o tempo parasse. Eles estavam ali, ao alcance de seus lábios; mais alguns centímetros e eles o tocariam. Aquele momento foi o mais alto grau de êxtase que sentira. Sua visão aplicou-se ao máximo. Os olhos arregalados, as pupilas dilatadas; a luz irradiando por aqueles tornozelos divinos, invadindo-lhe as retinas, absorvendo-lhe toda a exuberância como para fazer deles uma impressão mais viva. Deles pôde captar toda a extensão, tonalidade, textura, palmilhando-lhe os meandros, a beleza dos contornos, as saliências dos ossinhos, a sutileza das reentrâncias. Assim os manteria guardados para sempre. Enfim, levantou-se. Ao voltar para o lugar, sentiu algo estranho. Fechou os olhos e tentou recuperar a imagem que acabara de fixar. Pôde, então, recuperá-la na memória até o mais ínfimo detalhe. Era como se estivesse diante da imagem novamente. Pelo canto de seus lábios, pôde-se distinguir um curto sorriso de volúpia.

Ao fim da missa, as pessoas se retirando, permaneceu ainda sentado um instante. De olhos fechados, cabisbaixo, o queixo pousado sobre as mãos unidas como numa prece; ainda admirava em sua mente sua obra de arte a pouco replicada. Era tudo o que mais desejava. E agora ele os tinha. Não queria nem podia mais fugir. O objeto de sua mais alta tentação agora fazia parte dele. Toda aquela angústia, aquela aflição terrível, haviam sumido. Respirou fundo, uma sensação de alívio confortou-lhe o coração. Voltou para seu quarto e dormiu pesadamente, o sono mais tranquilo e sereno de sua vida. Na manhã seguinte, acordou sentindo-se bem, em paz. A obsessão havia sumido. Aquela

ânsia torturante pelos tais tornozelos já não sentia mais. Surpreendeu-se ao perceber que agora se lembrava deles como algo do passado. Tamanha a compulsão por vê-los e fixá-los na memória, que era como se houvesse consumido toda a sua gana, toda a sofreguidão.

Alguns dias depois, indo à missa diária, fez uma espécie de passeio. A todo instante, pessoas de todos os tipos passavam por ele. Um senhor idoso andava com dificuldade; um jovem bem-vestido corria apressadamente. Uma moça pensativa, caminhando logo adiante, parou um instante encostando-se no muro. Ajeitava as sandálias. Ao focar-se nos tornozelos da moça, sorriu e deu de ombros. Não sentia mais nada. Simples tornozelos de uma estranha. Mas, num olhar mais atento, reparou nas delicadas e graciosas mãos daquela jovem. Um novo calafrio lhe estremeceu por completo. Eram as mais belas mãos que já havia visto...



Pedro Fontenele – Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará.
phfteles@hotmail.com